

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Conferências

Organizadores

Jorge Fernandes Alves

Pedro Vilas-Boas Tavares

Porto, FLUP, 2020

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto I Conferências

ORGANIZAÇÃO: Jorge Fernandes Alves e Pedro Vilas-Boas Tavares

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: 2021

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 250 exemplares

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-989-8969-74-3

ISSN: 1646-1525

OS ESTUDOS INGLESES NA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO: ALGUNS TEXTOS E CONTEXTOS

OS ESTUDOS INGLESES E A UNIVERSIDADE – ENQUADRAMENTOS PARA UMA CONSTRUÇÃO DISCIPLINAR

A medida em que os textos veem a sua capacidade de significação determinada por fatores extratextuais é uma das grandes vertentes do discurso sobre o literário, mas aquilo que pretendo propor a partir do pequeno jogo verbal (“textos e contextos”) no subtítulo deste breve artigo terá pouco a ver, diretamente, com essa persistente questão teórica. Tomarei como ponto de partida, mais simplesmente, a percepção de que o conhecimento carreado por determinados acervos bibliográficos, nos domínios da história e da crítica literárias, constitui um contexto com particular potencial de determinação dos contornos assumidos pelos estudos ingleses na Faculdade de Letras em dois tempos históricos: o da primeira Faculdade de Letras, cujo centenário se comemora; e o da refundação – o que, para a área de estudos em causa, significa 1972 e o período subsequente (Santos, 2011:202 e *passim*). Para tal, quererei dar especial atenção a segmentos relevantes do chamado “Fundo Primitivo” da biblioteca da FLUP, bem como do Instituto de Estudos Ingleses, absorvido em meados da década de 1990 pela biblioteca do atual Departamento de Estudos Anglo-Americanos.

Antes de avançar para essa leitura, porém, gostaria de considerar por alguns momentos o contexto mais amplo – o que aqui quererá dizer o contexto internacional – do qual emerge a área disciplinar de Estudos Ingleses incluída na formação em Filologia Germânica criada em 1919 para a primeira Faculdade de Letras. A consagração académica do estudo das línguas, culturas e literaturas nacionais fora, como se sabe, um importante fundamento e objetivo da ascensão disciplinar das filologias no ambiente

académico oitocentista¹. É apenas aparentemente paradoxal que em vários casos – e o inglês é exemplo proeminente – o acolhimento universitário do estudo de uma dada cultura nacional possa ocorrer de modo mais expressivo a partir do exterior dessa cultura. Esse aparente paradoxo resulta do facto de o estudo de tal cultura surgir ligado ao da respetiva língua enquanto língua estrangeira, assim se distinguindo do estudo da produção literária e cultural da língua materna. Como Balz Engler faz notar,

this difference of perspective between doing English in an English-speaking country and doing English elsewhere is crucial. In English-speaking countries it may be taught without much reference to other literatures, languages, and cultures. Elsewhere English will always be viewed against other languages. But the two perspectives, mother-tongue and foreign language, cannot simply be put beside each other either. The foreign perspective will always include the English perspective as well, if only because much of the secondary material used is written from an English-speaking perspective (Engler, 2000:7).

Para os meus propósitos neste breve ensaio é em tudo relevante que a figura mais saliente do grupo de Filologia Germânica da primeira Faculdade de Letras, Luís Cardim (1879-1958), tivesse tido períodos de estudo, complementares da sua formação, quer em Inglaterra quer na Alemanha nos anos iniciais do séc. XX. Cardim foi objeto de recentes estudos documentais e biográficos por José Martins Ferreira² e de artigos contextualizantes de Manuel Gomes da Torre (1987) e João Almeida Flor (2004) – pelo que não pretendo aqui concentrar a minha atenção no seu percurso e obra. Não deixarei de fazer notar, porém, que o período formativo deste académico foi um tempo importante para o reconhecimento quer do tipo de cultura filológica por que se notabilizara o espaço académico alemão desde o século anterior (e que incluía vincada atenção às letras inglesas), quer da tardia consagração da literatura nacional como objeto de estudo em universidades inglesas.

¹ Como se proponha com ambição num influente volume de Benjamin W. Dwight, em meados do séc. XIX, a filologia compreenderia, na sua aceção então mais atual e ampla, “the scientific exploration and comprehension of its [the language’s] interior mechanism, in relation both to its original elements, and also to their varied transformations, through a wide range of comparative analysis” (Dwight 1860:194). Esta dimensão “comparativa” revelar-se-ia fundamental para discursos sobre o vínculo entre línguas e culturas nacionais; um dos propósitos centrais da filologia seria, ainda segundo Dwight, “to pour new light on the history of nations” (269), com a seguinte consequência: “ethnography cannot be written truly, except in the light of thorough philological inquiry” (271). Note-se que todo o projeto filológico era celebrado, num prefácio do editor, como a “new and great science”, “which one of the first linguists of the country has justly said”, “may almost be called the science of the age” (Dwight, 1860:1; sem referência para a citação inclusa).

² Ver, em particular, o rico espólio documental compilado por este estudioso e disponibilizado, sob o título *O Dr. Luís Cardim e a primeira Faculdade de Letras do Porto*, em <https://luiscardim.wordpress.com/> (acesso 13-9-2020).

Com efeito, ao tempo (por 1907-08) da estada de Cardim em Inglaterra com uma bolsa do governo português (Cidade, 1959:240), poucos anos tinham passado desde a fundação em Oxford da cátedra de Literatura Inglesa, criada em 1894 mas ocupada e ativa apenas a partir de 1904. Fora um desenvolvimento tardio – tendo em conta o acolhimento disciplinar que a anglicística encontrava já em ambientes académicos não-anglófonos – mas florescente, e com inevitável impacto na formação de Cardim. A consideração menor que em Inglaterra marcara o estudo universitário das letras inglesas, tradicionalmente preteridas face às letras clássicas, viria a ser sublinhada por um dos grandes nomes das humanidades na Inglaterra novecentista, E. M. W. Tillyard (1889-1962); em reminiscências sobre o seu percurso formativo, Tillyard recordaria como, pelos anos iniciais do século, professores de clássicas e de história, ainda no ensino secundário, lhe tinham dado a rara oportunidade (quase como um bónus recreativo) de estudar alguns grandes textos da literatura inglesa:

I had a teacher of Classics who treated his subject in more than one way, the literary way included. He linked up the Classics with other literatures. Thus, while we were reading Theocritus, he made the history master, who had charge of English (there was no English master), teach us [Milton's] *Lycidas*. And, more remarkable, he gave us in the Sixth a talk on literary criticism and followed it up by putting the history master on to Sidney's *Apologie [for Poetry]* and Dryden's *Essay of Dramatic Poesy*. (...) Thus I learnt at the Perse as I might not have done if I had gone to another school that there was such a study as literary criticism. And that lesson I never forgot (Tillyard, 1958:13).

No mesmo ensaio, Tillyard é igualmente claro sobre a ausência de tais oportunidades na sua experiência universitária em Cambridge.

Gradualmente, e coincidindo com a geração de Tillyard (e de Cardim), as letras vernáculas obteriam uma dignificação que refletia transformações socioculturais e de política educativa. A já referida criação da cátedra de Literatura Inglesa em Oxford chegava, não por acaso, uma geração após o *Elementary Education Act* de 1870, a grande peça legislativa que criara as bases para uma gradual universalização da escolaridade e para um alargamento de aspirações formativas socialmente menos restritas e mais viáveis, nas humanidades, através do estudo das realizações imaginativas historicamente proporcionadas pela língua materna. A celebração de grandes autores da literatura inglesa no quadro de tal estudo supria, conforme foi sugerido (entre outros) por Terry Eagleton, lacunas na relação entre crença, identidade e experiência que se tinham aberto com uma progressiva secularização cultural. Eagleton é um dos mais conhecidos defensores da tese de um nexos substitutivo entre a religião e o cânone literário: “If one were asked to provide a single explanation for the growth of English studies in the later nineteenth century, one could do worse than reply: ‘the failure of religion’ (Eagle-

ton, 1996:20). E prossegue: “As religion progressively ceases to provide the social ‘cement’, affective values and basic mythologies by which a socially turbulent class-society can be welded together, ‘English’ is constructed as a subject to carry this ideological burden from the Victorian period onwards” (Eagleton, 1996:21).

Uma das fontes de Eagleton para percepções coevas deste nexos substitutivo é George Gordon, citado na sua palestra inaugural (1923) como segundo detentor da cátedra de Literatura Inglesa em Oxford. Eagleton equivocava-se, porém, na literalidade que atribui a Gordon no passo em causa. Com efeito, Gordon demarcava-se, com algum sarcasmo, do simplismo com que alguns parecia tudo esperarem da celebração e divulgação das letras vernáculas em espaço universitário – agora que vinham preencher aquele que fora o espaço das letras clássicas: “that the English language and literature should occupy in the education of this country, and occupy at once, that position of ascendancy which the Classics are believed to have resigned” (Gordon, 1923:11). A resistência de Gordon a um discurso simultaneamente apologético e impositivo na definição das expectativas mais exaltadas quanto à função social e culturalmente redentora das letras vernáculas é clara no recorte satírico de um passo que Eagleton cita fora de contexto: “It [the ‘literary doctrine’] is briefly this: that England is sick, and that English Literature must save it. The Churches (as I understand) having failed, and social remedies being slow, English Literature has now a triple function: still, I suppose, to delight and instruct us, but also, and above all, to save our souls and heal the State” (Gordon, 1923:12).

Embora não notando a ironia de Gordon, Eagleton observa, com fundamento, que a ressonância deste passo é tardo-oitocentista, e encontra-lhe um eco do grande homem de letras vitoriano Matthew Arnold. Em *Culture and Anarchy* (1869), as reflexões de Arnold – por exemplo, “poetry (...) requires, no less than religion, a true delicacy of spiritual perception” (Arnold [1869], 2006:4) – incluíam a expectativa de que as letras nacionais pudessem humanizar as massas e elevar a estatura intelectual e espiritual das classes médias, resgatando-as do impulso para a boçalidade que entendia próprio dos nexos económicos da era industrial.

Na realidade, várias figuras gradas das letras vitorianas exprimiram a convicção de que a história literária, lida com base num desígnio integrador, produziria recursos imaginativos e expressivos adequados aos desafios da sua circunstância. Um exemplo característico foi o de Edward Dowden, professor em Dublin no Trinity College, defensor de um essencialismo identitário à luz do qual argumentou a favor de uma marca intelectual anglófona centrada no empirismo. Para Dowden, o Renascimento inglês, “an age eminently positive and practical” (Dowden, 1875:8), teria produzido tal ma-

triz; mas, se Dowden demandava um nexos explicativo no passado isabelino, prontamente contrapunha que o seu próprio século oferecia recursos “espirituais” e “científicos” que (numa espécie de complementaridade epistemológica) permitiam que a grandeza literária de outra era encontrasse na segunda metade do séc. XIX a sua plena potenciação imaginativa – estribada na grandeza dos escritores de língua inglesa:

We need to supplement the noble positivism of Shakspeare with an element not easy to describe or define, but none the less actual, which the present century has demanded as essential to its spiritual life and well-being, and which its spiritual teachers – Wordsworth, Coleridge, Shelley, Newman, Maurice, Carlyle, Browning, Whitman (...) – have supplied and are still supplying. The scientific movement of the present century is not more unquestionably a fact, than this is a fact (Downen, 1875:40).

Dowden publicou o seu *Shakspeare: a critical study of his mind and art* em 1875, mas a influência da atitude crítica e historiográfica que o caracteriza estendeu-se por décadas, recobrando inevitavelmente o tempo formativo de estudiosos da geração que protagonizou o surgimento dos Estudos Ingleses na primeira Faculdade de Letras (com destaque para Luís Cardim, por via do seu período de estudo em Inglaterra).

Mais do que conjecturar sobre a familiaridade ou não deste ou daquele académico com contributos críticos específicos, interessa-me apontar o quadro intelectual geral em que ocorre a definição disciplinar dos estudos ingleses no período em apreço – sendo que o exemplo de Dowden me conduz a uma questão que antes apenas aflori. Este é um tempo de celebração de grandes figuras da história literária (santos seculares, se quisermos); e o panteão de tais figuras é a partir do último quartel do séc. XIX inquestionavelmente dominado por Shakespeare. A sua exaltação como poeta nacional e a consolidação do discurso sobre a sua excecionalidade definem-se neste período – e não é acidental que o primeiro detentor da cátedra de Literatura Inglesa em Oxford, Walter Raleigh, se tivesse notabilizado como autor de um estudo monográfico sobre Shakespeare, que encimou uma coleção intitulada *English Men of Letters*. Como também não é por acaso, quando regressamos à particularidade portuguesa e portuense que nos interessa, que Cardim se tenha empenhado na produção de dois estudos breves mas abrangentes respetivamente da obra dramática de Shakespeare lida em contexto histórico e genérico – *Shakespeare e o Drama Inglês* (1931) – e (com já uma dúzia de anos passada sobre o encerramento da Faculdade) uma biografia, *A Vida de Shakespeare (factos, lendas e problemas)* (1943), tão pensada para divulgação quanto o volume anterior.

Pretenderei interrogar a relação entre estes interesses e os acervos bibliográficos que irei comentar; e vou fazê-lo a partir das implicações de uma

observação de George Steiner (uma das grandes figuras da história intelectual global desde o último quartel do séc. XX). Num artigo em que discutia as consequências do processamento cultural da obra de grandes autores para a cultura que os recebia (o exemplo concreto era a obra de Homero), Steiner argumentava que esse processamento tinha um efeito diretamente revelador dos contornos e estruturas da cultura recetora – e socorria-se, para tornar mais vívido o seu argumento, de uma metáfora recolhida de técnicas de imagiologia, a do isótopo radioativo que, injetado num determinado corpo, tem um efeito de “iluminação” ou esclarecimento quanto às condições (fisiológicas, patológicas) do corpo em causa (Steiner, 1993).

SHAKESPEARE NO FUNDO PRIMITIVO DA BIBLIOTECA DA FLUP: PRESENÇAS FUNDADORAS

Pedindo de empréstimo a metáfora imagiológica de Steiner, tentarei “iluminar” ou esclarecer um pouco como a Faculdade de Letras, no momento da sua fundação mas também da sua refundação, se posicionou perante a área disciplinar dos Estudos Ingleses a partir de um determinado conjunto de livros sobre a obra daquele autor (Shakespeare) que, nas duas gerações anteriores ao momento fundador, se tornara (como, já no nosso tempo, o crítico americano Harold Bloom lhe chamou) “o centro do cânone” (Bloom, 1995:45).

A obra de Shakespeare é, efetivamente, central ao chamado Fundo Primitivo da biblioteca da Faculdade de Letras. É um espólio que, em contexto, revela atualização (tanto mais de apreciar quanto as condições materiais e logísticas ao tempo da sua construção eram tudo menos favoráveis³) e uma amplitude considerável de abordagens. Essa amplitude reflete com alguma nitidez vertentes e transições que moldaram a anglística em tempos decisivos para a sua constituição disciplinar, com destaque para uma divergência a que Chris Baldick, num estudo histórico da crítica e teoria literárias desde os finais do séc. XIX, não hesita em chamar uma “batalha”:

the battle (...) between (...) the respectably “scientific” regime of philologists, mostly trained in German universities, who ensured that the classification of historical and linguistic facts (...) took precedence over the study and appreciation of modern literature – (...) dismissed as a lightweight matter of private opinion and chatter beyond the scope of serious scholarship (...) – and those who championed the study of literature “as literature” rather than as linguistic data (Baldick, 1996:24).

³ Como todo o processo relativo à primeira Faculdade de Letras, o aprovisionamento da biblioteca não podia deixar de ser afetado pelos constrangimentos financeiros da Primeira República – sendo de notar que o registo dos debates parlamentares inclui menção expressa à necessidade de dotar a Faculdade de uma biblioteca adequada (Alves, 2012:350, 358 e *passim*).

No Fundo Primitivo, a primeira destas abordagens, acrescidamente justificada pela ênfase no ensino da língua que o contexto não-anglófono requeria e pela formação filológica dos docentes, era devidamente sustentada por vários tomos em alemão sobre história da língua inglesa e *Englische Philologie* (Einenkel, 1916; Storm, 1881). A sua aplicação especificamente ao estudo de Shakespeare era assegurada por um volume (então influente) do educador e clérigo inglês Edwin A. Abbott, *A Shakespearian Grammar: an attempt to illustrate some of the differences between Elizabethan and modern English* (cuja primeira edição era de 1869, sendo a reimpressão do Fundo Primitivo de 1909) – um caso particularmente nítido do recurso à linguística histórica para salientar e fundamentar particularidades formais do texto shakespeariano e ao mesmo tempo usar o texto literário (e dramático) como espaço de demonstração de desenvolvimentos com considerável importância na história da língua.

Não faltavam neste acervo, porém, contrapontos à tradição filológica – contrapontos que evidenciavam a atenção, na primeira Faculdade de Letras, àquelas abordagens da literatura e do drama que em 1914 tinham sido defendidas por Arthur Quiller-Couch (catedrático de Literatura Inglesa em Cambridge) no mesmo fôlego em que satirizava os estudos de base linguística de “professores teutónicos e teutonizantes”⁴. No seu recorte mais tradicional, a vertente não filológica no espólio shakespeariano do Fundo Primitivo é representada por estudos que tratam os textos como reflexo de contextos históricos reconhecidos pelas suas feições mais gerais. Um exemplo saliente é o de um tomo, com origem nas comemorações em 1916 dos trezentos anos da morte de Shakespeare, *Shakespeare’s England: an account of the life & manners of his age* (1917), que reunia contributos de luminárias do mundo das letras e da academia como Walter Raleigh (catedrático de Estudos Ingleses em Oxford) e o poeta laureado, Robert Bridges, autor de uma *Ode ao tricentenário de Shakespeare*. A biblioteca incluía ainda panorâmicas históricas situadas entre a erudição e a divulgação – como se sugeria com a coexistência nas prateleiras respetivamente de George Saintsbury, *A History of Elizabethan Literature* (London, 1918) e G. B. Harrison, *The Story of Elizabethan Drama* (Cambridge, 1924); e atendia às necessidades imediatas de um contexto educativo através de manuais como o de Tucker Brooke, *Shakespeare of Stratford: a handbook for students* (1926).

Dentro da grande diversidade de abordagens e posicionamentos disciplinares que o espólio shakespeariano do Fundo Primitivo (apesar das suas dimensões) ia contemplando, merece especial menção o conjunto de estudos

⁴ *Teutonic and Teutonising professors* – um remoque citado em Baldick, 1996:32.

de história do teatro e da literatura dramática. Tais estudos abordam o seu objeto de perspectivas que incluem argumentos favoráveis quer a um sentido de tradição nacional, quer a um discurso de saliência autoral – dando relevo a talentos individuais, com a leitura a oscilar entre a excecionalidade reclamada para Shakespeare e a mitigação dessa excecionalidade pela consideração de precursores e contemporâneos. Alguns dos livros em causa refletem uma erudição tradicional, como sucede com outro volume de Tucker Brooke, *The Tudor Drama: a history of English national drama to the retirement of Shakespeare* (1911). Nesta como noutras áreas de inquirição, porém, os espécimes com maior longevidade crítica e académica que encontramos no fundo primitivo, com incidência na obra de Shakespeare, são os que representam formas de processamento crítico e historiográfico que constituíam relativa novidade em inícios de novecentos.

Tais casos incluem, com alguma saliência, a investigação sobre palcos e práticas teatrais de finais da Idade Média e inícios da Idade Moderna que marcou a obra e o legado de E. K. Chambers (1866-1954), representada no fundo primitivo por primeiras edições de obras (em vários volumes) que teriam reedições múltiplas ao longo do século – como sejam *The Mediaeval Stage* (1903) e *The Elizabethan Stage* (1923). Em certos aspetos, a obra de Chambers afigura-se precursora de um interesse investigativo por práticas históricas no teatro que veio a ter forte consequência na produção de saber mas também na atividade teatral. Os estudos de Chambers são contemporâneos da ultrapassagem histórica do gosto por produções teatrais cenograficamente complexas (com recurso a maquinaria de cena que tinha sido o reflexo no teatro vitoriano da primeira era industrial) e da consequente busca de uma simplicidade primeira demandada no mito da suposta nudez do palco de Shakespeare. Não que qualquer leitura atenta de Chambers sustentasse tal mito na sua formulação mais chã, mas permitia, sim, advogar o esforço de retorno a um entendimento historicizado da relação entre palavra, gesto e espaço que conduzia a uma maior austeridade cénica – entendida como recuperação histórica. A presença de Chambers no acervo do Fundo Primitivo não terá sido casual – nem foi, de todo, inconsequente: Luís Cardim dedicar-lhe-ia uma atenção repercutida nas cerca de trinta ocasiões (entre citações no texto e referências em notas) em que cita este autor no seu *Shakespeare e o Drama Inglês* (1931).

A importância de estudos de base contextual e historicizante não poderá elidir a perceção, porém, de que esta coleção shakespeariana foi reunida numa era que tão reiteradamente celebrava a excecionalidade dos grandes autores – o que implicaria a inclusão de volumes de base biográfica, como *A Life of William Shakespeare* (1925), do estudioso americano Joseph Quincy Adams (que viria a ser o primeiro diretor da Folger Shakespeare Library). E

não era só das culturas académicas de língua inglesa que provinham contributos biográficos ou biografizantes – uma orientação representada no Fundo Primitivo também em volumes franceses e alemães. Com efeito, a coleção inclui o extenso e idiossincrático *William Shakespeare* (1864) de Victor Hugo, que combinava a narrativa biográfica com opinião crítica e uma avaliação da fortuna póstuma de Shakespeare enquadrada por uma panorâmica do que o autor entendia serem os maiores génios literários do mundo. Entre os tomos de edição alemã, avultam títulos sobre “o homem”, “a vida e a obra” – como sejam *Shakespeare der Mensch* (1923), de Helene Richter, e *Shakespeare, Sein Wesen und Werk* (1928), de Friedrich Gundolf; sendo que o acervo germânico na coleção complementava esta ênfase com levantamento de fontes e crítica textual, em publicações nalguns casos apoiadas pela associação de estudos shakespearianos mais antiga da Europa, a Deutsche Shakespeare Gesellschaft (Anders, 1904; Perrett, 1904; Wallace, 1912).

Note-se, contudo, que o vincado interesse pela individualidade que os inícios do séc. XX herdavam da cultura do Romantismo se manifesta no acervo shakespeariano do Fundo Primitivo de um modo que se não limita, de todo, ao biografismo – antes encontrando as suas realizações mais influentes em argumentos favoráveis ao reconhecimento da singularidade de Shakespeare tal como ela se evidencia e afere nos seus textos e respetiva consequência teatral. Tais argumentos representam-se no contributo do já citado Walter Raleigh para a coleção *English Men of Letters* (com o seu *Shakespeare*, de 1907), uma participação num designio carateristicamente canonizante em que Raleigh advoga a inevitabilidade de as qualidades únicas de Shakespeare o deixarem inapelavelmente “destacado dos seus pares”⁵. A esta luz, uma presença ainda menos surpreendente, quando se considera a sua ênfase na exploração da singularidade humana, é um dos volumes (pela aparência) mais intensamente usados deste espólio – A. C. Bradley, *Shakespearean Tragedy* (1904) – sendo que, neste caso, a perscrutação de uma individualidade visava não o autor, mas as suas mais conhecidas criações trágicas, entendidas como representações persuasivas de perfis humanos.

Bradley terá sido, porventura, o mais influente crítico na história do processamento de Shakespeare em contextos educativos⁶, sendo que as evidências do uso do seu *Shakespearean Tragedy* pelos estudantes de Filologia

⁵ “Shakespeare (...) as an English man of letters (...) has been separated from his fellows, and recognized for what he is: perhaps the greatest poet of all time” (Raleigh, 1907:2).

⁶ Como Tiffany Stern fazia notar há quase duas décadas, ponderando a sua própria experiência formativa, “the Edwardian Shakespeare who came straight out of A. C. Bradley’s *Shakespearean Tragedy* of 1904 (...) was still, bizarrely, flourishing in the universities of the 1970s (...) [his] psychological criticism (...) continues to live on in the schoolroom – my own education was strictly Bradleian – so that much classroom teaching of Shakespeare is now 100 years behind current criticism” (Stern, 2003:126, 132)..

Germânica da primeira Faculdade de Letras sugerem que esta comunidade, apesar das contingências sociopolíticas e da curta vida da sua escola, estava ligada pela sua pequena biblioteca ao que eram então os discursos mais atuais e consequentes na cena académica global. Para um breve exercício de aferição do que acervos bibliográficos podem revelar sobre a delineação de um contexto académico Bradley é particularmente relevante – quer pela sua longa influência, quer pela notoriedade dos ataques que viria a sofrer e pelo modo como eles marcaram a história da crítica shakespeariana. Notabilizou-se por um tratamento do texto de Shakespeare que não é filológico nem de base teatral, mas antes e eminentemente literário e crítico; e que implica enfrentar Shakespeare (na página, mais do que na cena) fundamental e definidoramente como criador de personagens, que Bradley trata como perfis humanos e explora de modo psicologizante. É um modelo crítico, este a que se chamou *character criticism*, diretamente herdeiro do interesse romântico por uma literatura dos estados de alma, pelo drama (lido, mais do que encontrado no teatro) enquanto exploração da cena íntima. Mas esta abordagem viria a ser rejeitada com veemência a partir de perspetivas críticas afins às poéticas do primeiro modernismo novecentista.

Memoravelmente, o grande crítico e poeta anglo-americano T. S. Eliot (num ensaio de 1919) caracterizaria o tipo de leitura epitomizado na obra de Bradley como assentando numa falácia de hipostasiação, num tratamento de personagens dramáticas como se fossem seres humanos, com existência biológica e historicamente verificável (Eliot, 1969). Mas o ataque mais característico (e mais frequentemente citado) à abordagem crítica de Bradley viria de L. C. Knights, em particular com um ensaio (ironicamente intitulado *How many children had Lady Macbeth?*) publicado em 1933 – ou seja, dois anos após o encerramento da primeira Faculdade de Letras do Porto. O que nos lança na consideração de um hiato – mas também da medida em que espólios bibliográficos podem dar corpo a uma superação compensatória.

A COLEÇÃO SHAKESPEARIANA NO INSTITUTO DE ESTUDOS INGLESES / DEAA: ALGUMAS NOTAS

A reação crítica a que agora me referia, muito mais dirigida para a construção textual da ação dramática e para oportunidades de significação que radicam em condições formais dos textos, está também representada na biblioteca da FLUP – já não no Fundo Primitivo, mas antes nos acervos construídos com e após a refundação de 1972, como sucede com a coleção shakespeariana incluída na biblioteca do Instituto de Estudos Ingleses, entretanto absorvida pelo Departamento de Estudos Anglo-Americanos (DEAA). Se, pelas razões que acima sugeria, tomarmos como exemplo a obra de L.C. Knights, cuja consagração académica se firmou nas décadas de

trinta e quarenta e se estendeu até à de setenta, encontramos-la representada nesta outra coleção por reedições (em 1962 e 1963) de estudos da fase inicial da carreira do autor⁷.

Por outras palavras: quando se considera, em sequência, o conjunto de existências nestes dois fundos respeitantes à área de inquirição que tenho vindo a considerar, é curioso verificar como a aquisição, por compra ou através de doações institucionais, de produção crítica e histórico-literária de meados do séc. XX cria um efeito de mitigação da séria truncatura criada pelos mais de quarenta anos que intervêm entre o encerramento de 1931 e a refundação da Filologia Germânica na segunda Faculdade de Letras. As pontes entre uma e outra circunstância foram, nalguns casos, fortuitas, mas evidenciando canais de circulação que combinam história política, universitária e local. Um exemplo revelador dos trânsitos e (des)continuidades que marcaram este espólio é o de uma edição da obra completa de Shakespeare, datada de 1938, que ostenta o carimbo, como local primeiro do seu registo, da “Sala Inglesa” que funcionou na Faculdade de Engenharia durante a II Guerra⁸; depois, o carimbo do Instituto Britânico do Porto (criado entretanto pelo British Council); e finalmente (quando o Instituto deixou de manter uma biblioteca para leitura geral, compreendendo obras literárias, historiografia e crítica) o do Instituto de Inglês da Faculdade de Letras.

Mais do que salientar curiosidades pontuais (mas não por isso menos reveladoras), pretendo no segmento final deste artigo inferir da coleção shakespeariana hoje mantida no DEAA uma breve perspetiva histórico-crítica sobre alguns dos saberes nela representados – entre as correntes académicas dos meados de novecentos e as que hoje nos informam a investigação e o ensino. As publicações que fizeram parte dos recursos iniciais da biblioteca que, após 1972, assistiu a área de Estudos Ingleses evidenciam de novo amplitude e diversidade, sendo que as várias abordagens que compreendem tiveram fortuna intelectual diversa.

Um caso nítido das vicissitudes da história intelectual é o de G. Wilson Knight, autor de um conjunto de estudos controversos, mas com grande popularidade, com datas de primeira publicação que se estendem de 1930 até próximo da morte deste académico em 1985. Os livros de Knight estão abundantemente presentes (nalguns casos com vários exemplares), na coleção em

⁷ Como em outros pontos deste artigo, obras que não sejam objeto de citação (mas antes de simples menção geral) constam da lista final de fontes – mas não obtêm referência particularizada no texto ou em notas.

⁸ Ver, no Repositório Temático da Universidade do Porto, notícia recolhida de *O Comércio do Porto* de 23 de junho de 1945 – “Na Sala Inglesa da Universidade do Pôrto prestamos, ontem, homenagem ao professor Combe-Martin os seus alunos do curso de Inglês Básico” - <https://hdl.handle.net/10405/23256> (acesso 13-9-2020).

causa, em reedições de finais da década de sessenta e inícios da de setenta. O seu sucesso no quadro do processamento académico (mas também popular) de Shakespeare no segundo e terceiro quartéis do séc. XX assentou na aplicação crítica de sistemas simbólicos à identificação de padrões imagéticos nos textos de Shakespeare. Porém, as características visionárias, espiritualizantes e conjecturais que muitos apontaram ao exercício crítico de Knight não lhe asseguraram favor continuado no período posterior aos anos setenta, tão marcado que este foi por distintas formas de ceticismo intelectual e por modelos críticos assumidamente refratários à qualidade trans-histórica do que Knight entendia ser a grande literatura. Apesar da forte presença dos seus livros na nossa biblioteca, poucos serão hoje os docentes da área de estudos em causa que ativamente recomendem a leitura de Knight a estudantes de licenciatura que pretendam um primeiro contacto com o tratamento crítico e historiográfico de Shakespeare pelos melhores especialistas.

Este caso de relativa descontinuidade é, porém, uma exceção ao que de outro modo se pode apontar como a consequência e longevidade intelectual de outras vertentes críticas representadas na biblioteca do Instituto de Estudos Ingleses / DEAA. Uma dessas vertentes é a que enfatiza que o texto dramático só encontra a sua realização plena no teatro, sendo que um dos estudiosos que no séc. XX mais se notabilizou por um tratamento crítico de Shakespeare sempre fundado na consideração do palco foi Harley Granville-Barker, cujos *Prefaces to Shakespeare*, escritos entre as décadas de vinte e quarenta, integram a coleção detida pelo DEAA em reedições de 1963-64. Continuadamente lido e referido (recordo-me de o estudar e citar quando estudante, na viragem da década de setenta para a de oitenta), Granville-Barker propôs perspectivas que nalguma medida antecedem o grande favor de que argumentos sobre a vocação teatral, que não literária do texto shakespeariano gozaram desde os anos finais do séc. XX. Tais argumentos estão hoje abundantemente representados, no acervo do DEAA, por uma gama de publicações que inclui edições críticas recentes do texto shakespeariano como as da coleção *Shakespeare in Production* (Cambridge University Press)⁹, cujo aparato de introduções e notas se compõe da história de palco e das implicações cénicas dos textos – que não do rasto gerado pelo seu processamento pela crítica literária.

A perspetiva complementar desta, a que se funda na consideração primariamente dos processos composicionais de Shakespeare como escritor e na

⁹ Para uma descrição da coleção em causa, ver <https://www.cambridge.org/core/series/shakespeare-in-production/A2EEB39B02682C1E932F662A287723FF> (acesso 13-9-2020). Pela sua extensão, não incluo na lista de referências deste artigo os tomos da coleção – que são pesquisáveis, no catálogo da biblioteca da FLUP, a partir do título da coleção, *Shakespeare in Production*.

matéria textual em si mesma (prévia e independentemente da sua atualização cênica) tem óbvia – e dominante – presença no acervo shakespeariano do DEAA; mas gostaria de salientar a este respeito uma via de inquirição que proporcionou, na história acadêmica recente, importantes pontes entre a erudição mais tradicional e propostas críticas recentes e controversas. Refiro-me ao estudo de fontes para o drama shakespeariano, primariamente representado no fundo em causa pelos sete volumes organizados por Geoffrey Bullough sob o título *Narrative and dramatic sources of Shakespeare* (1.^a ed. 1957; temos a obra em edição de 1961). Trata-se de uma compilação com processamento crítico que se revelou fundamental para a compreensão de como o drama de Shakespeare e dos seus contemporâneos se fez fundamentalmente de reescrita de textos prévios.

A consequência é dupla: as condições formais, retóricas, pragmáticas dessa reescrita (quando se procede ao cotejo com as fontes) põem em evidência qualidades, quer literárias quer de agudo sentido da cena, que oferecem validação a um autor como Shakespeare; mas a percepção de que esse autor foi também um re-escritor, o praticante de uma criatividade eminentemente apropriativa, não deixa de abalar argumentos de singularidade e originalidade que, no caso de Shakespeare, tiveram séculos de elaboração. Daqui resulta que o labor de arquivo e de minucioso trabalho textual realizado nos meados do século por Bullough pode alimentar algum do ceticismo sobre a condição autoral que tão vincadamente marcou a crítica literária pós-estruturalista.

Mais especificamente, os laços entre a monumental compilação de fontes por Bullough e esforços críticos recentes incluem o modo como a evidência de percursos de escrita que são eminentemente literários permitiu a um crítico textual como Lukas Erne (num muito citado estudo de 2003, presente no DEAA) contrariar a tendência dominante para propor o texto de Shakespeare como criado estritamente para a cena (que não para a leitura). Bullough é também, nalguma medida, um precursor (remoto, embora) daquela renovação do interesse pela crítica textual que os recursos da era digital vieram trazer, e que se evidencia numa coletânea de estudos como *Textual Performances* (2004), igualmente adquirida pelo DEAA. E, adicionalmente, favoreceu a construção de argumentos mais sólidos a favor das práticas colaborativas, envolvendo diferentes autores, que marcaram a escrita dos textos dramáticos de Shakespeare e dos seus contemporâneos – um domínio de particular controvérsia nos estudos shakespearianos que tem obtido o empenho de nomes salientes, incluindo o de Brian Vickers (que, enquanto participante ativo nas querelas em torno da autoria da obra de Shakespeare, está representado no espólio do DEAA através de publicações de 1993 e 2004).

NOTA FINAL: UMA CONSEQUÊNCIA CRÍTICA E TRANSLATÓRIA

Uma nota final – mas de considerável importância: invocando uma metáfora de George Steiner, tentei colocar em evidência a forma como as existências bibliográficas que sustentam o estudo de um autor central à disciplina de estudos ingleses podem gerar o efeito de “iluminação” dos contornos de todo um contexto intelectual e cultural, revelado nas suas configurações definidoras por um corpo textual exógeno. O que desse modo se revela – assim tentei também argumentar – é um posicionamento informado e consolidado face a uma área disciplinar que se descobre representada, através de dois acervos concomitantes, na diversidade das opções que historicamente a construíram. Acrescentarei agora que esse posicionamento disciplinar é produtivo, que não apenas assimilativo. Para lá dos expectáveis resultados investigativos do trabalho na área de Estudos Ingleses na Faculdade de Letras, e que direta ou indiretamente refletem os saberes comportados por todo um lastro de precedentes críticos, o chamado “projeto Shakespeare” (lançado por Manuel Gomes da Torre e ancorado num grupo de investigação coordenado por Gualter Cunha), vem produzindo uma nova tradução integral da obra do poeta e dramaturgo inglês¹⁰. Nas opções dos tradutores, como no aparato crítico que as enquadra, as novas versões são, afinal, a textualização mais reveladora da resposta de um contexto cultural e académico específico ao “centro do cânone” – e ao modo como ele foi processado, em sedes portuguesas e outras, ao longo de todo um século.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Joseph Quincy (1925) – *A Life of William Shakespeare*. Boston: Houghton Mifflin.
- ALVES, Jorge Fernandes (2012) – *A Universidade na República, a República na Universidade: a UP e a I República (1910-1926)*. Porto: Universidade do Porto.
- ANDERS, H. R. D. (1904) – *Shakespeare's books: a dissertation on Shakespeare's reading and the immediate sources of his works*. Berlin: Georg Reimer.
- ARNOLD, Matthew ([1869] 2006) – *Culture and anarchy*. Ed. Jane Garnett. Oxford: Oxford University Press.
- BALDICK, Chris (1996) – *Criticism and literary theory: 1890 to the present*. London; New York: Longman.

¹⁰ Publicada inicialmente, entre 2001 e 2008, pela editora portuguesa Campo das Letras (entretanto desaparecida), esta nova tradução viu catorze volumes sair sob esta chancela, tendo a coleção o título *Shakespeare para o século XXI*. Desde então, a iniciativa tem persistido sob a chancela Relógio d'Água, com o título *Projecto Shakespeare* – que conta já com outros treze volumes.

- BEECHING, H. C. (1909) – *William Shakespeare: player, playmaker, and poet*, 2nd ed. London: John Murray.
- BLOOM, Harold (1995) – *The Western Canon: the books and school of the ages*. London; Basingstoke: Macmillan.
- BRADLEY, A. C. (1904) – *Shakespearian tragedy: lectures on Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth*. London: Macmillan.
- BROOKE, Tucker (1926) – *Shakespeare of Stratford: a handbook for students*. New Haven: Yale University Press.
- BROOKE, Tucker (1911) – *The Tudor drama: a history of English national drama to the retirement of Shakespeare*. Boston: Houghton Mifflin.
- BULLOUGH, Geoffrey ([1957] 1961) – *Narrative and dramatic sources of Shakespeare*. London: Routledge; Kegan Paul. 7 vol.
- CARDIM, Luís (1943) – *A Vida de Shakespeare: factos, lendas e problemas*. Lisboa: Seara Nova.
- CARDIM, Luís (1931) – *Shakespeare e o drama inglês*. Porto: Faculdade de Letras.
- CHAMBERS, E. K. (1923) – *The Elizabethan stage*. Oxford: Clarendon Press.
- CHAMBERS, E. K. (1903) – *The Mediaeval stage*. Oxford: Oxford University Press.
- CIDADE, Hernâni (1959) – Luís Cardim, no convívio, na aula e na obra de investigador e poeta. *O Tripeiro*. 5.^a série. 15:8 (dez.):240-244.
- DOWDEN, Edward (1875) – *Shakespeare: a critical study of his mind and art*. London: Henry S. King & Co.
- DWIGHT, Benjamin W. (1860) – *Modern philology: its discoveries, history, and influence*. 2nd ed. rev. and corrected. New York: Barnes & Burr.
- EAGLETON, Terry (1996) – The Rise of English. In *Literary theory: an introduction*. 2nd ed. Oxford: Blackwell, p. 15-46.
- EINENKEL, Eugen (1916) – *Geschichte der Englischen Sprache*. 3^e ed. Strasbourg: Karl J. Trubund.
- ELIOT, T. S. ([1919] 1969) – *Hamlet*. In *Selected essays*. London: Faber, p. 141-146.
- ENGLER, Balz (2000) – Writing the European History of English. In *European English studies: contributions towards the history of a discipline*. Ed. Balz Engler and Renate Haas. Leicester: The English Association, p. 1-12.
- ERNE, Lukas (2003) – *Shakespeare as literary dramatist*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ERNE, Lukas; KIDNIE, Margaret Jane, ed. (2004) – *Textual performances: the modern reproduction of Shakespeare's drama*. Cambridge: Cambridge University Press.

FLOR, João Almeida (2004) – Shakespeare in the bay of Portugal: a tribute to Luís Cardim (1879-1958). In *Translating Shakespeare for the twenty-first century*. Ed. Rui Carvalho Homem and Ton Hoenselaars. Amsterdam; New York: Rodopi.

GORDON, George (1923) – *The Discipline of Letters: an inaugural lecture delivered before the University of Oxford on 9 May 1923*. Oxford: Clarendon.

GRANVILLE-BARKER, Harley ([1927-1948] 1964) – *Prefaces to Shakespeare*. London: B.T. Batsford.

GUNDOLF, Friedrich (1928) – *Shakespeare, sein Wesen und Werk*. Berlin: Georg Bondi.

HARRISON, G. B. (1924) – *The Story of Elizabethan drama*. Cambridge: At the University Press.

HUGO, Victor (1864) – *William Shakespeare*. Paris: Librairie Internationale.

KNIGHT, G. Wilson ([1958] 1966) – *The Sovereign flower: on Shakespeare as the poet of royalism*. London: Methuen.

KNIGHT, G. Wilson ([1947] 1969) – *The Crown of life: essays in interpretation of Shakespeare's final plays*. London: Methuen.

KNIGHT, G. Wilson ([1932] 1968) – *The Shakespearian tempest: with a chart of Shakespeare's dramatic universe*. London: Methuen.

KNIGHT, G. Wilson ([1931] 1968) – *The Imperial theme: further interpretations of Shakespeare's tragedies including the roman plays*. London: Methuen.

KNIGHT, G. Wilson ([1930] 1970) – *The Wheel of fire: interpretations of Shakespearian tragedy*. London: Methuen.

KNIGHTS, L. C. ([1933] 1963) – How many children had Lady Macbeth?: an essay in the theory and practice of Shakespeare criticism. In *Explorations*. London: Chatto & Windus, p. 1-39.

KNIGHTS, L. C. (1962) – *Drama and society in the age of Jonson*. Harmondsworth: Penguin.

KNIGHTS, L. C. (1962) – *Shakespeare: the histories*. London: Longman.

ONIONS, C. T.; LEE, Sidney; RALEIGH, Walter (1917) – *Shakespeare's England: an account of the life & manners of his age*. Oxford: Clarendon Press.

PERRETT, Wilfrid (1904) – *The Story of King Lear from Geoffrey of Monmouth to Shakespeare*. Berlin: Mayer & Müller.

RALEIGH, Walter (1907) – *Shakespeare*. London: Macmillan.

RICHTER, Helene (1923) – *Shakespeare der Mensch*. Leipzig: Bernhard Tauchnitz.

SAINTSBURY, George (1918) – *A History of Elizabethan literature*. London: Macmillan.

SANTOS, Cândido dos (2011) – *História da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto.

SHAKESPEARE, William (1938) – *The Works of William Shakespeare, gathered into one volume*. Oxford: Shakespeare Head Press.

STEINER, George (1993) – From Caxton to *Omeros*: the continuing appeal of Homer to Anglo-Saxon ideals and experience. *TLS* (17 August):13-16.

STERN, Tiffany (2003) – Teaching Shakespeare in higher education. In *Shakespeare in Education*. Ed. Martin Blocksidge. London: Continuum, p. 120-140.

STORM, Johan (1881) – *Englische Philologie: Anleitung zum Wissenschaftlichen Studium der Englischen Sprache*. Heilbronn: Verlag von Gebr Henninger.

TILLYARD, E. M. W. (1958) – *The Muse unchained: an intimate account of the revolution in English studies at Cambridge*. London: Bowes & Bowes.

TORRE, Manuel Gomes da (1987) – Dr. Luís Cardim: dos liceus para a antiga Faculdade de Letras do Porto. *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literaturas*. 2.^a série. 4:279-300.

VICKERS, Brian (2004) – *Shakespeare, co-author: a historical study of five collaborative plays*. Oxford: Oxford University Press.

VICKERS, Brian (1993) – *Appropriating Shakespeare: contemporary critical quarrels*. New Haven: Yale University Press.

WALLACE, Charles William (1912) – *The Evolution of the English drama up to Shakespeare*. Berlin: Georg Reimer.